

O Tólos da Ecologia Humana no Brasil e sua interface com as populações tradicionais

Ioná Pereira da Silva*, Luciano Sergio Ventin Bomfim

*Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Sociambiental, Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, CEP 48900-000, Bahia, Brasil. *omikaia@hotmail.com*

Recebido: 2 outubro 2018 / Aceito: 28 novembro 2018 / Publicado online: 2 janeiro 2019

Resumo

Este artigo traz uma abordagem sobre o Tólos da Ecologia Humana no Brasil e sua interface com as Populações Tradicionais, tendo como objetivo relatar a relevância das pesquisas acadêmicas para a vida destes povos no país, trazendo como foco a Ecologia Humana Brasileira e as consideráveis contribuições desta ciência/paradigma e dos seus estudos para a vida dos diversos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs). A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica em periódicos científicos, livros, entre outras fontes científicas, buscando assim um apanhado teórico que desse suporte amplo e conciso ao tema de estudo. Doravante, o conteúdo encontrado trouxe como resultados um breve histórico da Ecologia Humana no mundo e seu desenvolvimento no Brasil contemporâneo. Tendo como base os pilares: interface: natureza-ser humano (cultura-meio ambiente); interdisciplinaridade e emancipação humana, demonstrando a conexão existente entre a Ecologia Humana Brasileira e as Comunidades Tradicionais, concluindo que estes estudos tem tido significativas contribuições para a vida destes povos que vivem historicamente na invisibilidade e exclusão social podendo ser assim estas pesquisas importante instrumento para o fortalecimento das lutas destes povos, ajudando-os assim a sair da invisibilidade e exclusão social.

Palavras-chave: Etologia, comunidade tradicional, meio ambiente.

The Tólos of Human Ecology in Brazil and its interface with traditional populations

Abstract

The present work brings an approach on the object of Human Ecology in Brazil and its interface with traditional populations, aiming to demonstrate the relevance of the academic researches for the life of these peoples in the country, bringing like focus the Brazilian Human Ecology and the considerable contributions this research / paradigm and its studies for the life of the different Peoples and Traditional Communities (PCTs), the research was developed from bibliographical consultation done in written and electronic texts varied like magazines, books, scientific articles among others, originating from libraries physical, digital and web site pages, thus seeking a theoretical approach that provides broad and concise support to the theme worked, henceforth the content found has resulted in a brief history of Human Ecology in the world and its development in contemporary Brazil. Based on the pillars: interface: nature-human being (culture-environment); interdisciplinarity and human emancipation, demonstrating the connection between Brazilian Human Ecology and Traditional Communities, and concluding that his studies have had significant contributions to the lives of these peoples who live in the invisibility and social exclusion historically, thus being these important instruments for the strengthening of the struggles of these peoples.

Keywords: Ethology, traditional community, environment.

Introdução

Fazer uma pesquisa com foco nos estudos da Ecologia Humana Brasileira a partir do seu objetivo principal e sua interface com os povos e comunidades tradicionais, parte do entendimento de que a pesquisa acadêmica é espaço significativo de produção e circulação de conhecimentos, tornando-se então um importante instrumento para o fortalecimento dos povos que historicamente estão à margem da sociedade Brasileira.

A Ecologia humana desde a sua origem na Escola de Chicago, em 1910, até os dias atuais tem buscado desenvolver

estudos sobre a relação do homem com o meio ambiente e suas consequências, entendendo que tudo está intimamente interligado numa espécie de “teia da vida” (Capra, 1996), existe uma fragilidade na vida como acontece com as tramas que a aranha faz pois tudo é muito frágil e inconstante, basta uma quebra em um dos fios para que toda uma teia se desfaça assim é com a vida, existe um “efeito borboleta” termo que reflete bem as inter-relações, onde qualquer ação de um componente atinge de forma significante os outros integrantes (Batista, 2013).

Os Povos e Comunidades Tradicionais ao tralharem com o

ser humano e a natureza mostram na prática que existe uma interdependência entre tudo que existe no universo.

A pesquisa promovida pela Ecologia Humana é essencial para o estudo científico da vida social, pois ela é uma perspectiva, um método, um corpo de conhecimento, disciplina básica para todos os outros campos do conhecimento (Wirt, 1970). A Ecologia Humana traz estudo especializado sobre as relações homem-natureza, natureza-homem, estudo este que é importante tanto para a ciência como para a própria sociedade como o todo, pois entendendo esta relação se entende a vida e seus diversos processos.

O Brasil é um país com grande diversidade étnica, racial e cultural, com desafio constante na busca pela garantia de direitos e do bem-estar social da sua população. Os povos e comunidades tradicionais são uma parte da população do país que permanece na invisibilidade, exclusão e constantemente são submetidos a várias formas de discriminação, graças a luta de vários movimentos sociais estes ganharam evidência, articulação e mobilização o que gerou também um certo reconhecimento destes perante as leis e dos órgão que fazem estas leis no país (Ministério Público de Minas Gerais, 2012).

Os Povos e Comunidades Tradicionais são populações históricas que ocupam o território nacional, numa interação constante com o meio ambiente. Mesmo desempenhando importante papel em diversos processos da construção do país, eles têm ficado à margem da sociedade. Estudar estes povos é evidenciar suas potencialidades e fragilidades ajudando-os assim a sair da invisibilidade e exclusão.

Sendo a Ecologia humana um estudo das relações homem natureza e natureza homem busca entender suas relações e as consequências destas, partindo de seus três pilares vai buscar entender como isso se dá, fazendo uma análise que parte do indivíduo, coletivo, físico-natural e ecológico (Bomfim, 2016), elementos extremamente presentes nos PCTs, comunidades que são importante patrimônio histórico/cultural, onde existe na relação homem- natureza uma procura por equilíbrio, num conjunto de saberes ecológicos que tem dimensão espacial, comunitária, evolucionar e holística (Grzebieluka, 2012).

O campo da Ecologia Humana é então de suma importância, pois vai a partir da complexidade de interações socioambientais unir a oralidade dos povos, seus conhecimentos e ações, numa construção epistemológica que vai além da legitimação oficial mergulhando nos conhecimentos tradicionais e nos processos de aprendizagem que se dão a partir das vivências (Mira, Amâncio & Andrade, 2016). Entendendo o ser humano como um ser: genético, ecológico e social, onde o cultural, o político e o religioso entre outros aspectos lhe são incluídos (Bomfim, 2016).

Esta revisão traz o relato da importância das pesquisas acadêmicas para a vida das Populações Tradicionais existentes no Brasil, tomando como centro os estudos da Ecologia Humana Brasileira e as relevantes colaborações destes para a existência dos diversos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) do país.

O Brasil e a Ecologia Humana do mundo - um breve histórico

Revelando as relações humanas com o planeta Terra, a

Ecologia Humana é uma Ecologia que transcende a Ecologia, pois traz embutido em seu pensamento e ação: a convivência e a ética, onde disciplinas e ciências se cruzam sem se perder, trata-se da “nova história natural”, que nasce no campo das ciências humanas num departamento das ciências sociais, “A ecologia humana é uma ecologia que coloca gente nos ecossistemas, e estudo suas relações e consequências” (Marques, 2014).

A pesquisa promovida pela Ecologia Humana é essencial para o estudo científico da vida social, pois ela é uma perspectiva, um método, um corpo de conhecimento, disciplina básica para todos os outros campos do conhecimento (Wirt, 1970). A Ecologia Humana traz um estudo especializado sobre as relações homem-natureza, natureza- homem, estudo este que é importante tanto para a ciência como para a própria sociedade como o todo pois entendendo esta relação se entende a vida e seus diversos processos.

O criador do termo ecologia é o alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que em 1866 vai nominar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente onde vivem, porem este estudo não incluiu a espécie humana, surge então a Ecologia Humana para buscar dar conta desta lacuna (Pires & Craveiro, 2011).

A ecologia humana, no mundo, tem seguido vários caminhos, nos EUA (Estados Unidos da América) seus estudos têm se voltado para uma análise da ecologia urbana ou para o habitat e desenvolvimento com foco na família, habitação e comunidade numa visão mais holística (Marques, 2014). Em outras partes do mundo como por exemplo no Paraguai, Colômbia e México os cursos de graduação e pós-graduação nesta área tem caráter interdisciplinar com ênfases em gestão ambiental e na argentina há um laboratório de investigação. (Ortiz & Meza, 2016).

Introduzida no Brasil a partir das pesquisas realizadas entre 1935 a 1950 pelo professor Donald Pierson no campo das ciências sociais, a partir dos estudos com base na Escola de Chicago sobre Relações raciais, aculturação entre outros temas que influenciaram pensadores como Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, tendo como marco teórico inaugural no Brasil o trabalho “Estudos de Ecologia Humana” (Wirt, 1970), os estudos em Ecologia Humana no país tiveram peso em pesquisas de diversas áreas: relações raciais, aculturação, migração entre outras, exercendo papel fundamental nestes estudos (Netto & Marques, 2017).

O termo “Ecologia Humana” nasce em 1921, e se distancia da ecologia tradicional dos laboratórios, revistas e teorias científicas, pois vai buscar compreender em seus estudos as inter-relações dos seres humanos, como já vinha sendo estudado com as plantas e animais. Trata-se da “nova história natural”, que nasce no campo das ciências humana num departamento das ciências sociais (Marques, 2014).

A estruturação de fato da Ecologia Humana no Brasil se deu a partir da década de 70 a partir da influência da assinatura feita por nove universidades de quatro países europeus de uma convenção sobre o tema, seguida da organização de um Certificado Internacional de Ecologia Humana que vai respaldar os estudos nesta área no mundo, produzindo então uma formação de excelência (Marques, 2014). Os estudos no

país têm se desenvolvido a partir de vários focos: Populações indígenas e outras populações Amazônicas (cultura, etnobiologia e, em menor escala Modelos de subsistência); Populações Indígenas através da etnobiologia; Populações litorâneas-pescadores-agricultores; Diversidade e modelos de subsistência (Begossi, 1993).

No ano de 2010 a criação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do Programa de Mestrado em Ecologia Humana-PPGEcoH (único no País) e em 20 de agosto de 2012 o surgimento no município de Paulo Afonso (Bahia) da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH) que traz como objetivo pensar a Ecologia Humana na contemporaneidade, promovendo a discursão e articulação, estes vão ser responsáveis por dar uma estrutura definitiva ao estudo da Ecologia Humana Brasileira (Marques, 2014).

Ao pensar Ecologia Humana no Brasil, uma discursão tem sido recorrente, sobre o seu status: É ciência, paradigma, os dois? Em 1972 em Estocolmo é criada uma definição de Ecologia Humana como disciplina científica, que logo depois a partir de um programa piloto criado pelo Círculo Europeu passa para o campo pluridisciplinar. A visão levantada a partir dos vários teóricos que tem feito análise sobre este tema indica que ainda é cedo para se chegar a uma conclusão, o que é preciso de fato é não perder o consenso que é encontrado em todos os autores, e tomar como base os três pilares que norteiam a Ecologia Humana em sua Interface/intercambio Natureza-Ser Humano: Cultura-Meio Ambiente; Interdisciplinaridade e Emancipação Humana (Bomfim, 2016).

A Ecologia Humana na contemporaneidade ao se debruçar sobre a “relação do homem com o meio ambiente”, na sua interdisciplinaridade vai ganhar contornos variados e vai depender de sua origem disciplinar, antropologia, geografia, sociologia e psicologia vão ter seus desenvolvimentos próprios na forma de estudo da ecologia humana que irão perpassar por fatores econômicos, sociais, psicológicos entre outros, percebendo ainda o comportamento humano sobre a perspectiva de vários ambientes (Begossi, 1993).

A contemporaneidade nos defronta com dificuldades únicas na história dos seres humanos que envolvem a ética na biologia e as ações no meio ambiente, estas mudanças na forma de agir eticamente traz à tona dificuldades em vários graus para a humanidade (Lencastre, 2006). Cabe então aqui a compreensão de que cada vez mais se faz necessária uma reflexão constante sobre a forma de relação entre os seres humanos e a natureza e a natureza e os seres humanos e as consequências disto para o planeta.

O Têlos da Ecologia Humana, no Brasil contemporâneo e sua interface com os Povos e Comunidades Tradicionais

O Têlos da Ecologia Humana é o estudo das relações dos seres humanos com a natureza e da natureza com os seres humanos, estudando então a própria vida em sua forma mais intrínseca de acontecer, ao buscar entender estas relações e suas consequências para o planeta é possível então indicar caminhos de superação para as ações devastadoras que a humanidade tem produzido sobre a terra.

Para Dallabona e Dallabona, (2007, p. 7) “O estudo e o tratamento das interferências do homem sobre o meio estão afeitos à ecologia humana, e constitui elemento significativo, que se torna cada vez mais premente na sociedade atual e exige discussões e ações efetivas”.

O caminho da Ecologia Humana no Brasil contemporâneo é desafiador, pois num país que em seus aspectos culturais e sociais é rico em biodiversidade e pluralidade, estudos que se propõem a fazer um trabalho na linha integral, interdisciplinar e que une diversas áreas de pensamento tem muitos passos a serem dados (Netto & Marques, 2017), pois vão abrir caminhos para um debate a partir de pesquisas e fundamentação teórica que podem levar a proposição de Políticas Públicas que visem minorar a situação das populações envolvidas. Para Tomáz (2014, p. 393):

O forte conteúdo interdisciplinar da Ecologia Humana consiste na constituição de novos nichos analíticos de interpretação das sociedades tradicionais com suas relações e interações complexas e holísticas. Isso aponta para novos paradigmas estabelecidos nessas relações que desafiam a construção de novos conceitos pautados nos diversos sistemas das ciências sociais/naturais.

O Brasil é hoje um polo de referência nos estudos da Ecologia Humana na América Latina (Marques, 2017). O estudo da Ecologia Humana que se tem hoje no Brasil, traz um estilo próprio de ser, que tem ganhando autonomia como ciência, onde reúne profissionais das mais variadas áreas, se distanciado de ser uma ecologia urbana como é o caso da Escola de Chicago para voltar seu olhar para o rural quando se debruça sobre as questões dos Povos e Comunidades Tradicionais (Bomfim, 2016).

A Ecologia Humana, a partir dos seus três pilares: Interface/intercambio Natureza-Ser (Cultura-Meio Ambiente); Interdisciplinaridade e Emancipação Humana (Bomfim, 2016), se propõe a ser uma ferramenta de interpretação de uma região e sua complexidade, redefinindo-a sociologicamente ao entender as relações que são feitas por suas populações, suas identidades coletivas, seu papel social, sua sociobiodiversidade (Marques, 2014).

Os estudos da Ecologia tradicional sempre estudaram os seres humanos como seres a parte da natureza, e foi a escassez de conhecimentos sobre estes seres como parte do meio ambiente que provocou o surgimento da Ecologia Humana, isso promove um pensar ético, sobre as espécies vivas, a natureza e seus recursos e o preenchimento do território, promovendo um compromisso ecológico e sustentável. E é por causa das consequências geradas pela desordenada forma de intervenção do ser humano nos ecossistemas que surge a necessidade de novos saberes pluridisciplinares que vão a partir da colaboração entre as ciências, para tecer conhecimentos coletivos e não mais individualizados (Pires & Craveiro, 2011).

Os PCTs são populações estudadas pela Ecologia Humana que vivenciam o mundo a partir dos saberes tradicionais, estes são grande fonte de conhecimento para a humanidade, são saberes milenares, ancestrais que podem ajudar a ciência a compreender a vida na terra e suas implicações, possibilitando

assim pesquisas das mais variadas possíveis na busca de uma melhor forma de viver no planeta.

Na contemporaneidade as ciências tem procurado de forma interdisciplinar, entender as relações das gentes com o seu entorno (Alvim & Marques, 2017), a falta de vínculos sociais tem levado a relações superficiais e individualizadas, afastando o ser do princípio, de que os territórios existenciais são baseados em trocas (Guattari, 2001), a construção da sociedade pois parte da coletividade, sendo a troca fração importante da essência dos indivíduos, para que estes sejam sujeitos e não objetos da história (Marques, 2012).

Os Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) e a sociedade de modo geral tem uma cultura ligada ao modo de produção pré-capitalista, partindo de uma visão marxista, onde a força de trabalho e a natureza não são consideradas mercadoria e a sua dependência está intimamente vinculada aos recursos naturais e aos ciclos da natureza (Perreira & Diegues, 2010).

O saber tradicional é a forma mais antiga de produção de conhecimentos e nasce com a própria humanidade, este é então a mais antiga das ciências. As novas tendências do século XX no cenário científico e tecnológico passam a dar destaque a estes saberes ao perceber que a sua forma de manejo da biodiversidade presta serviço grandioso a ecologia e a sociedade de modo geral, então estes ganham status de sujeitos do desenvolvimento sustentável e da conservação da natureza (Moreira, 2007).

A denominação, povos, comunidades ou populações tradicionais seja, no âmbito governamental, dentro da academia ou na sociedade de modo geral é nova. Esta nomenclatura surge a partir da problemática ambiental, para nominar as comunidades que existiam nas áreas onde foram criadas as unidades de conservação e foram chamadas assim por trazerem culturas seculares e praticarem agricultura ou pesca de subsistência (Figueiredo, 2013). No Brasil a valorização do patrimônio imaterial é uma aquisição significativa, configura também uma forma de preservar as tradições (Pelegri, 2006).

No Brasil as Populações Tradicionais estão descritas na lei como:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;
II-Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária (Decreto n. 6.040, 2007, p. 1).

Os Povos e comunidades Tradicionais trazem a pluralidade, a identidade coletiva e o cuidado com os recursos naturais nas suas práticas. A Ecologia Humana tem um papel importantíssimo quando os estuda, pois possibilita uma reflexão mais ampla de suas realidades e seus problemas socioambientais (Marques, 2014). Os estudos em Ecologia Humana abrem um espaço para que os grupos pesquisados

possam falar de sua realidade e do seu ambiente, suas práticas e símbolos (Mira et al., 2016).

Uma conclusão considerável resultante das questões que envolvem as relações no meio ambiente, é o entendimento de que se faz necessário uma alteração no porte dos diversos processos do saber e fazer da sociedade envolvendo a função importante da educação neste processo (Sá & Makiuchi, 2003). O cuidado com qualidade do meio ambiente é um ato de cidadania, que abarca o bem ambiental cultural, pois a cidadania está intimamente ligada a integridade do ser humano fazendo parte assim dos direitos fundamentais (Lopes, 2013). Cabe, pois, aos estudos em Ecologia Humana um importante papel científico e social.

Conclusões

A Ecologia Humana busca entender as relações dos diversos processos humanos sobre o planeta, desde o seu surgimento até os dias atuais tem tomado vários caminhos nos vários países onde tem acento, que passam por pesquisas da vida urbana, da gestão ambiental e no Brasil este estudo tem como Tólos as Populações Tradicionais, dando visibilidade a Povos que foram historicamente marginalizados, sua interface com estes possibilita a identificação de seus territórios tradicionais e suas particularidades, mostrando a importância de seus conhecimentos ao mundo, fortalecendo assim seus processos na construção de um caminho para a conquista da Emancipação Humana, já que os PCTs olham a relação dos seres humanos com a natureza numa perspectiva, onde tudo está intimamente ligado, tudo e todos dependem uns dos outros, numa constante “teia da vida”.

Concluimos então que esta pesquisa é de extrema relevância pois aponta que os estudos em Ecologia Humana no Brasil contemporâneo sua interface com os Povos e Comunidades Tradicionais têm desempenhado importante papel acadêmico e social, pois tem sido em muitos momentos uma ponte entre os PCTs seus saberes, ações e o mundo. Buscar entender o modo de vida e ação das Comunidades tradicionais sobre a terra é abrir portas para novas formas de relação no planeta e é também dar voz a Populações historicamente tornadas invisíveis, proporcionando-lhes protagonismo e a ocupação com qualidade de seu devido lugar na sociedade.

Referências

- Alvim, R. G. & Marques, J (Org.). (2017). *Raízes da Ecologia Humana, Sociedade Brasileira de Ecologia Humana*. Paulo Afonso: Oxente. Recuperado de <http://sabe.org.br/wp-content/uploads/2017/10/As-Ra%C3%ADzes-da-Ecologia-Humana-E-BOOK.pdf>
- Batista, C. R. R. (2013). O caminho da ecologia humana para um mundo em crescimento. *Revista Vitas - Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade*, 3(7), 1-13.
- Begossi, A. (1993). Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interiencia*, 18(1), 121-132.
- Bomfim, L. S. V. (2016). No Brasil, a Ecologia Humana é um paradigma científico ou outro tipo de ciência emergente? *Revista Ecologias Humanas*, 2(2), 99-122.
- Capra, F. (1996.) *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Cultix: São Paulo.
- Dallbona, T. M. & Dallabona, C. A. (2007, Setembro). *Ecologia humana – uma abordagem necessária nos cursos de engenharia e arquitetura*. Anais do Congresso Brasileiro de Educação Em Engenharia. Curitiba, Paraná, Brasil. Recuperado de

<http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/12/artigos/404-Carlos%20Alberto%20Dallabona.pdf>

- Decreto, n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm
- Figueiredo, L. M. (2013). Populações Tradicionais e meio ambiente: Espaços territoriais especialmente protegidos com dupla afetação. Recuperado de <http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/handle/11549/83430>
- Guattari, F. (1990). *As três ecologias*, (M. C. F. Bittencourt, Trad.). Campinas: Papiru.
- Grzebieluka, D. (2012). Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras. *Revista Geografar*, 7(1), 116-137. doi: 10.5380/geografar.v7i1.21757
- Lencastre, M. P. A. (2006). Ética ambiental e educação nos novos contextos da ecologia humana. *Revista Lusófona de Educação*, 18(8), 29-52.
- Lopes, S. R. M. (2013). Povos e Comunidades Tradicionais direitos humanos e meio ambiente. *Lex Humana*, 5(1), 160-182.
- Marques, J. (2012). *Ecologia da Alma*. Petrolina: Franciscana.
- Marques, J. (2014). *Ecologias Humanas*. Feira de Santana: Editora Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Ministério Público de Minas Gerais. (2012). *Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais*. Belo Horizonte: Ministério Público de Minas Gerais.
- Mira, F. J. B., Amâncio, W. A. & Andrade, M. J. G. (2016). A Ecologia Humana e as gentes do sertão nordestino. In E. M. S. Nogueira, M. J. G. Andrade, W. M. Andrade & C. A. B. Santos. *Os saberes populares no viés da Ecologia Humana*. Paulo Afonso: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana.
- Moreira, E. (2007). *Conhecimentos tradicionais e sua proteção*. *The Green Political Foundation*, pp. 1-9.
- Netto, A. L. & Marques, J. (2017). *Ecologia Humana em Ambientes de montanha*. Paulo Afonso: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana.
- Ortiz, A. I. & Meza, M. J. A. (2016). Ecologia Humana em Hispanoamérica: una revisión de sus aplicaciones actuales, *Revista Ecologías Humanas*, 2(2), 1-21.
- Pelegrini, S. C. A. (2006). Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental, *Revista Brasileira de História*, 26(51), 115-140.
- Pereira, B. E. & Diegues, A. C. (2010). Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, 22(2), 37-50.
- Pires, I. M. & Craveiro, J. L. (2011). *Ética e Prática da Ecologia Humana: Questões introdutória sobre a ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais*. Lisboa: Apenas Livros.
- Sá, L. M. & Makiuchi, M. F. R. (2003). Cidade e Natureza: tecendo redes no processo de gestão ambiental, *Sociedade e Estado*, 18(1-2), 89-113. doi: 10.1590/S0102-69922003000100006
- Tomáz, A. F. (2014). *Direito e Ecologia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Ensaio sobre o Etnodireito*. In J. Marques. *Ecologias Humanas*. Feira de Santana: Editora Universidade estadual de Feira de Santana.
- Wirt, L. (1970). Histórico da Ecologia Humana. In D. Pierson. *Estudos de Ecologia Humana (Tomo I): leituras de sociologia e antropologia social*. Porto Alegre: Martins Livreiro.

Licença Creative Commons CC BY 4.0

Este artigo foi publicado com acesso aberto para distribuição sob os termos do Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição, e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.